

## CIPRIANA BRITES



**“Haviam muitas perseguições enfrentadas pelos músicos”**

*Cipriana Santa Brites Dias nasceu no dia 26 de setembro de 1979, em Bidau Massau – Díli. Professora do Departamento de Formação de Professores do Ensino Básico (DFPEB) – Faculdade de Educação Artes e Humanidades da Universidade Nacional Timor Lorosa’e. Doutorada em Estudos da Cultura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2023). Mestre em Ciências de Educação, com especialidade na formação de professores pela Universidade do Porto – Portugal (2015). Licenciada em Pendidikan Agama (Educação Religiosa) pela Universitas Sanatha Dharma, Yogyakarta. Indonésia (1998).*

## **P: Como é que era a resistência artística em Timor -Leste ?**

**CB:** Na época da Resistência, as artes, a expressão artística, seja através da música, seja através das canções, do som, ou da arte da Resistência, eram compreendidas pelos timorenses da seguinte forma: cada ritmo, cada som, cada letra, cada harmonia, cada melodia estava focada na Resistência, no espírito do povo, na animação do povo, para que o povo não desistisse, mas continuasse a resistir, a lutar. Assim, toda a expressão artística se manifestava através da música, das canções, e também da poesia. Como podemos perceber, cada obra artística no processo da Resistência, no processo de luta pela independência, estava centrada no espírito de Resistência do povo.

## **P: Durante o período de resistência cultural, várias formas de repressão foram utilizadas. Que formas eram essas?**

**CB:** Havia muitas perseguições enfrentadas pelos músicos, pelos compositores, até pelos cantores. Porquê? Porque cada canção, cada obra, tinha uma embalagem estética, uma linguagem estética, mas, acima de tudo, era uma linguagem de Resistência. Todas as canções e poesias estavam voltadas para a Resistência. Portanto, os compositores passaram por sofrimentos enormes, primeiro com inquéritos, violência psicológica e até prisões. Eu mesmo assisti, enquanto estava na área rural, a um músico que não era compositor, mas apenas cantava a canção “Foho Ramelau”. Ele foi capturado pelos militares indonésios e sofreu interrogatórios durante muitos dias, talvez até uma semana.

Quero dizer que tudo isso foi preservado na memória, na comunicação, na transmissão oral, nas canções. As pessoas aproveitaram o espaço de rezas, que eram feitas de casa em casa durante a noite, e inseriram palavras de luta. Assim, preservaram tudo isso. Depois de rezar e cantar, usávamos o espaço para falar, socializar a ideia de que iríamos lutar, que um dia venceríamos, sairíamos do sofrimento e reafirmaríamos nossa identidade nacional e cultural como povo. Então, sabíamos que teríamos nossa independência, mas que, por enquanto, precisaríamos continuar a luta.

Durante a Resistência, percebi que as obras de arte que dominaram o nosso processo de luta eram, principalmente, as músicas e as canções. Cantávamos sempre, mas de forma isolada, clandestina, particular, em pequenos grupos. Não tínhamos um palco musical ou um palco de expressão artística público, pois isso era proibido pelos invasores. Portanto, as músicas e a poesia eram as formas de expressão.

Eu acredito, e acredito por uma razão clara: a arte representa as características e a personalidade de um povo ou de uma comunidade. A arte não é apenas pessoal, mas reflete a história, a convivência e os hábitos do povo, de toda uma comunidade. Por isso, acredito que a arte seja um símbolo da comunidade. A arte representa a vida da comunidade, o sentido da vida dessa comunidade.

A arte, sim, é uma forma, o único instrumento de Resistência. Porquê? Porque a arte simboliza a história da população. A arte representa a vida, o sofrimento ou a alegria,

o desejo e os sonhos do povo. Por isso, a arte, como a música, por exemplo, fala sobre a identidade. Na minha opinião, a música é um documento identitário do povo. A música fala sobre o local e o sofrimento do povo, é escrita na língua do próprio povo. A música e a poesia, enquanto obras artísticas, são armas e almas do povo, símbolos de mobilização, instrumentos de divulgação da cultura do povo. A arte contém todos os elementos que o povo pensa, deseja e busca. Tudo isso é configurado dentro da arte. Portanto, acredito que a arte seja, sim, um instrumento de Resistência.

**P: Quais são as danças tradicionais mais praticadas actualmente em Timor-Leste?**

**CB:** Actualmente, podemos observar várias danças, mas as danças mais predominantes, mais manifestadas e apresentadas no palco musical ou no palco de danças são o dahur. O dahur é visto em todas as cerimónias sociais e culturais. E também o bidu, no qual utilizamos os nossos instrumentos de batuque, batuque ou babadok, e o gongo. Essas duas danças são as que mais dominam as cerimónias sociais e culturais neste momento. São danças tradicionais que consideramos como instrumentos de luta, de mobilização do povo. Utilizávamos essas danças, ou danças típicas e tradicionais, para mobilizar e divulgar nossa identidade como timorenses. Lutamos até conquistar nossa vitória, nossa independência, através da música e das danças. Socializávamos nossa ideia política, nosso desejo de independência, através dessas danças. E isso era muito difícil de identificar para os invasores. Usávamos essas danças, e outras também, como armas do povo.

**P: Algumas memórias sobre essa época?**

**CB:** Eu também assisti, na minha faculdade, nas cerimónias, muitas vezes, à utilização das danças de Portugal, como o “Malhão, malhão”. Entre outras, muitas danças, mas eu vi sempre essas danças. Depois, também havia as danças indonésias, mas, até agora, como professora de educação artística, eu ainda não vi nem apliquei essas danças. No entanto, estamos atentos ao “Malhão” e à samba do Brasil, pois temos co docência com os professores portugueses e brasileiros, então trabalhamos em conjunto e continuamos a esforçar-nos para promover essas duas danças no contexto da educação artística, por exemplo. O “Malhão, malhão” tem um significado especial para nós. Não sei se é o mesmo para os outros, mas muitas populações utilizavam essa dança, o “Malhão, malhão” em português, porque estava ligada à história e à língua portuguesa. Usávamos a língua portuguesa para o quê? Para promover o nosso desejo, para promover o nosso objetivo, para promover a nossa ideia política e, assim, também para promover a nossa identidade cultural. Portanto, utilizávamos o “Malhão, malhão” e, claro, outras danças da Indonésia. Como invasor, a Indonésia trocava muitas das danças típicas timorenses pelas suas, fazendo com que as danças de origem indonésia dominassem mais. No entanto, nas cerimônias religiosas, como as missas, sempre utilizávamos músicas, canções, e danças portuguesas para mobilizar as populações a continuarem a resistir.

